

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

1

## Nenhuma Escola é uma ilha!

*José Carlos Ferreira (\*)*

06-04-2010

Penso ter tido uma infância não muito problemática. Aliás, o meu único quebra-cabeças passava por conseguir entrar tardiamente em casa sem ser presenteado com uma única vassourada digna de registo. Naquele tempo, fazia o habitual de um miúdo algo curioso e rebelde: pegar fogo a latas de gasolina encontradas em lixeiras, atirar setas às galinhas dos vizinhos, furar abóboras e chilas com chumbinhos de espingarda de pressão, enfim, brincadeiras banais de gaiatos de outrora. Não obstante a nostalgia desses tempos, lembro-me com clareza das valentes palmadas que o meu pai eficazmente me aplicava quando uma destas aventuras era descoberta e exposta por terceiros. Era normal!

Nesses tempos, após a queda do regime salazarista, poucos eram os lares que tinham televisor – ou sequer radiofonia. Mesmo em relação à emissão televisiva, apenas existiam dois canais com conteúdos pouco sedutores para a minha geração de sonhadores. Como tal, o habitual era combinarmos estratégias para partirmos em busca de saudáveis aventuras nas terras longínquas dos vizinhos do lado!

Na minha meninice, para que tudo corresse bem, apenas necessitava de seguir o conselho do meu pai: «não abras a porta a estranhos». Nunca o fiz, e como tal sempre tudo correu pelo melhor.

Hoje os tempos são outros e as diversões diferentes! As saídas de casa para fazer traquinices e diabruras já não são tão habituais quanto isso. Pelo menos, e a meu ver, as brincadeiras de criança não têm uma dimensão tão colorida, tão envolvente ou tão criativa como as de outrora. As crianças não têm tempo para brincar, nem espaços para se tornarem criativas, para explorarem os seus sonhos e pôr-se em marcha para os alcançarem. Têm televisão e televisor<sup>1</sup>, jogos electrónicos, Internet e telemóveis, têm o mundo todo na ponta dos dedos, ao alcance de um toque. E isto preocupa-me. Preocupa-me muito!

1 O termo «televisor» surge aqui em sentido figurativo representativo de um novo meio de recepção e acesso à informação global – a vulgar *Internet*.

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

2

Esta preocupação prende-se essencialmente porque descortino actualmente três principais focos difusores de episódios de extrema violência para o ser humano, que gratuitamente se encontram à disposição do olhar de qualquer criança ou jovem, a qualquer hora, à distância de uma distração, de um premir de botão, de uma curiosidade, de um desejo. A Televisão, os Jogos Electrónicos e a Internet são os actuais centros difusores de violência que, nos últimos anos, desregulam os tradicionais valores sociais os quais diariamente pactuamos em enaltecer.

Ficaram-me bem marcadas as imagens de horror de um timorense a ser perseguido e assassinado à catanada, num directo televisivo, assim, ali, enquanto almoçava junto da minha filha de dois anos. Não mais esqueci desse episódio e outros tantos que não carecem de descrição porque a sua divulgação é constante e diária. E estas situações são fáceis de julgar, de compreender, pois são inicialmente comunicadas aos estagiários dos cursos de jornalismo: «Não é notícia um cão morder um homem; mas se um homem morder um cão isso sim é uma verdadeira notícia». Que impacto tem, portanto, na actualidade, um jornalista comunicar que num determinado dia um timorense foi brutalmente assassinado por grupos rivais numa determinada cidade? Nenhum! Para o jornalismo actual o impacto está em mostrar a violência, *in loco*, das catanas a rasgar a carne nua de um homem - provocando a sua morte. Isso sim é notícia. Isso sim é uma mais-valia para as audiências televisivas!

Mas não se pense que a violência que absorvemos diariamente na televisão tem como fonte exclusiva os programas noticiosos. Mesmo em desenhos animados é muito comum encontrarmos episódios constantes de violência. Quem não se lembra dos famosos *Tom e Jerry*? Ou então do *Papa-léguas*? Ambos retratam actos violentos de vingança mútua. Calcula-se<sup>2</sup> que, por volta dos dez anos de idade, a criança média tenha assistido a 12 mil actos de violência na televisão.

Inquieta-me saber, segundo a revista *New Scientist*<sup>3</sup>, que quando as crianças norte-americanas entram na escola primária já viram, na televisão, cerca de 8 mil homicídios e 100 mil actos de violência.

2 Hall, Philip e Hall, Nancy. (2008) «Educar Crianças com Problemas de Comportamento». Coleção Educação Especial, nº 17. Porto Editora

3 *In Denial about on-screen violence*: <http://www.newscientist.com/article/mg19426003.600-editorial-in-denial-about-on-screen-violence.html>

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

3

Outras fontes<sup>4</sup> referem que o comportamento violento nos jovens é possivelmente o reflexo de uma excessiva exposição à violência na televisão e ao consumo desse meio. Refiro ainda um estudo<sup>5</sup> feito acerca dos efeitos da televisão sobre crianças de uma pequena cidade rural no Canadá a que os investigadores chamaram de *Notel*. Dois anos depois de a televisão ter sido introduzida em *Notel*, os incidentes de violência física entre crianças aumentaram 160 por cento. Centenas de estudos mundiais confirmam a má influência de valores com que este meio de comunicação social brinda os jovens de hoje.

Num estudo recente, Ana Lúcia de Oliveira Morais<sup>6</sup> vai mais longe, ao afirmar que «Uma mensagem preocupante que a Televisão nos vende progressivamente é a de que a violência é aceitável. A Televisão diz que a violência é trivial, lugar-comum, de todos os dias, mundana. Faz parte da vida, é normal. É parte da nossa cultura moderna». E este é um facto deveras assustador, pois conota repetição com banalização ou, mais ainda, com *normalidade*. Ora este conceito é perverso. Há algo aqui de errado! Alguém tem andado distraído!

Acredito que as emissões televisivas podem ser melhoradas, e se os diversos países assim o entenderem, podem criar mecanismos de sensibilização comuns para que diversos tipos de episódios de violência possam ser não difundidos tal como o têm sido, pelo menos nos moldes actuais, deixando a nu a hipocrisia daquilo que se diz ser a exigência de liberdade de expressão.

Considero outra fonte inesgotável de violência os já referidos Jogos Electrónicos. Há-os extremamente violentos. Mas o bom senso já reina em alguns países, pois há estados que retiraram de comercialização dezenas de jogos, e pelos mais diversos motivos: pelo elevado nível de violência que envolvem, por conterem referências nazistas, por mostrarem violência em contexto escolar, por assédio sexual a menores, etc. Um dos jogos recentemente excluídos de comercialização nos Estados Unidos da América foi o *Grand Theft Auto*, da *RockStar Games*<sup>7</sup>. O jogo é considerado exclusivamente dedicado a adultos, por proporcionar ao jogador um elevado nível de liberdade para fazer o que quiser (matar, roubar, agredir, violar, entre outros) além de conter um pequeno apelo sexual. Um exemplo trazido do Brasil, e que também já é comercializado

4 In Violence in the media as subject in the public health area: [http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232004000100020&script=sci\\_arttext#q1](http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232004000100020&script=sci_arttext#q1)

5 Hughes, J. N. (1996) in «Educar Crianças com Problemas de Comportamento». Coleção Educação Especial, nº 17. Porto Editora

6 In As crianças e a violência na Televisão: [http://www.ipv.pt/forumedia/3/3\\_fe5.htm](http://www.ipv.pt/forumedia/3/3_fe5.htm)

7 RockStar Games: <http://www.rockstargames.com>

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

4

em Portugal, o jogo *Bully: Scholarship Edition*, igualmente da *RockStar Games*, foi retirado do mercado pois o protagonista deste título é um jovem de 15 anos, *Jimmy Hopkins*, que tem de enfrentar vários alunos de um liceu norte-americano fictício. As armas para sua defesa incluem bastões de basebol, bombas fétidas e até sacos de berlindes que, colocados estrategicamente no chão, podem fazer cair os perseguidores. Mesmo antes de ser lançado, o jogo *Bully* já era alvo de desaprovação por parte de alguns organismos mundiais.

Vários exemplos de influência negativa que os jogos violentos podem induzir nos jovens podem ser encontrados por todo o mundo. Por exemplo, na Tailândia<sup>8</sup>, um jovem de 18 anos foi preso após ter matado um taxista apenas por querer reproduzir uma cena de um jogo electrónico. Após ter sido detido, o jovem afirmou que «queria ver se era tão fácil fazê-lo na vida real como o é no jogo». Segundo o *Game Politics*<sup>9</sup>, um jovem romeno, Ionut Savin, de 15 anos, esfaqueou a mãe adoptiva após a mesma se ter recusado pagar a conta de Internet e de pretender manter o serviço cortado. Com esta atitude, a mãe pensava que esta seria a única maneira de fazer o jovem parar de jogar. Após atacar a mãe com 17 facadas, Ionut Savin, ainda foi para uma *lan house*<sup>10</sup> onde jogou *Counter-Strike* durante algumas horas antes de ser detido.

Em relação a toda esta problemática, levanto a questão de até que ponto, com a banalização de episódios violentos a serem sugados diariamente pela nossa mente, podem os nossos jovens ficar menos sensíveis ou até indiferentes perante cenas de violência do nosso quotidiano. *Brad J. Bushman*<sup>11</sup> dá-nos precisamente a resposta a esta questão num artigo publicado no *Journal of Experimental Social Psychology*, onde refere que «Os jogos violentos alteram as funções cerebrais do ser humano, e fazem com que os viciados de jogos violentos se tornem insensíveis à violência real». Os resultados da experiência sugerem ainda que estes viciados sofrem danos a longo prazo em funções cerebrais, assim como no relacionamento entre pares. Mais uma vez vamos de encontro ao já referido: a banalidade da violência, independentemente da sua fonte de difusão, torna-a indiferente a quem a pratica ou presencia.

8 In TerraTV: <http://terratv.terra.com.br/Especiais/Noticias/4416-206811/Adolescente-mata-taxista-ao-imitar-videojogo.htm>

9 In Game Politics: <http://www.gamepolitics.com/2010/01/19/disconnected-gamer-stabs-adoptive-mom>

10 Uma *Lan House* é um estabelecimento comercial onde as pessoas podem pagar para utilizar um computador com acesso à Internet e a uma rede local para acesso à informação rápida pela rede e entretenimento através dos jogos em rede ou online. Grande parte destas *Lan House* já possuem quartos com cama e duche para os jogadores descansarem, se assim o desejarem.

11 In Aggression Research Program: <http://rcgd.isr.umich.edu/aggr>

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

5

Outros estudos e conclusões idênticas, ou não, poderiam ser aqui apresentados, porém e no meu entender, esta é uma conjuntura idêntica à venda e ou proibição do álcool, do tabaco e aluguer de vídeos a menores: pode ser controlável se os diversos países assim o desejarem. Porém, para mim, o principal e mais problemático e foco de infundável surto de divulgação gratuita de violência é sem dúvida a Internet.

Todos temos consciência de que a Internet é uma fonte inesgotável de informação – de qualquer tipo de informação. Podemos efectuar pesquisas, aceder e descarregar jogos de computador, piratear *software*, música, vídeos e filmes, participar em concursos on-line, assistir a desejado canal televisivo de um qualquer país, assistir e criar conferências, debates globais, ver sexo ao vivo, encomendar medicamentos e drogas, contratar um crime e assistir ao mesmo – tudo é possível! Tudo se vende, tudo se compra!

Mas o pior de tudo é que não há uma solução global e consensual à vista para controlo desta imensa rede de informação. Os diferentes países mostram-se assumidamente preocupados, porém não encontram um entendimento estratégico comum para monitorização e fiscalização desta Rede Global.

Efectivamente, as realidades de hoje são bem distintas das de há 40 anos e sinto que aos meus filhos não bastará seguir outro dos conselhos do meu pai - «não fales com estranhos». Algo mais terei de fazer. Algo mais terá de ser feito! Mas não o conseguirei fazer sozinho. Não eu, qual cavaleiro andante em luta contra verdadeiros moinhos de vento. Teremos de ser todos, em unísono, a fechar portas abertas que «estranhos» vão abrindo na sociedade global. A educação dos meus filhos, e até a minha, necessita da ajuda urgente de entidades externas à família. E recuso-me peremptoriamente a fazer valer o provérbio «Para grandes males grandes remédios» - quer deitando fora os televisores e telemóveis lá de casa, quer anulando a prestação de serviços da Internet. Não! Irei viver e combater a realidade tal qual ela se me depara!

Ao Estado e às distintas instituições com que se faz representar, exijo o cumprimento dos deveres que o dignificam, esperando que intervenha junto das várias emissoras nacionais representativas da comunicação social e criem, consensualmente, um conjunto de normas reguladoras capazes de evitarem situações como as apresentadas, fazendo, ao mesmo tempo, excluir a divulgação de determinadas imagens que possam ferir susceptibilidades de jovens e dos próprios adultos. Aliás,

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

6

esta é uma acção que deverá igualmente ser levada e padronizada além-fronteiras, no mínimo com regulamentação normalizada ao nível de toda a União Europeia. Igualmente, e tal como acontece ao nível da venda do álcool, do aluguer de vídeos e da venda de tabaco, o Estado deve fazer assegurar a proibição da comercialização ou aluguer de jogos electrónicos a menores, ou seja, com idades inferiores à classificada. E ainda em relação ao Estado, este deveria impedir a comercialização de jogos electrónicos de violência extrema, tal como já há muito é feito em outros países<sup>12</sup>.

Ainda a nível institucional, Autarquias e Agrupamentos de Escolas devem definir estratégias comuns, mesmo que apresentadas em documentos distintos e de implicações explícitas - Carta Educativa<sup>13</sup> e Projecto Educativo. Devem ambas as instituições partirem para práticas de sensibilização contra acções de violência escolar, desenvolvendo seminários, palestras, tertúlias temáticas, actividades extracurriculares no âmbito da cidadania, promovendo assim todo o envolvimento da comunidade educativa nesta causa de combate à violência escolar. Os Agrupamentos de Escolas e as respectivas Associações de Pais devem unir esforços, para que sejam definidos planos ao nível da intervenção em espaço escolar, desenvolvendo igualmente acções de Formação Parental que cheguem a todos os pais. Estes poderão e deverão ter um papel importante na definição de algumas regras de conduta para desenvolvimento de uma cultura de escola positiva. Assim, a Escola deve efectivar a abertura das suas portas à Comunidade e tornar-se num espaço sinónimo de verdadeira educação e formação comunitária.

Cingindo-me aos Agrupamentos de Escolas, estes devem adaptar os Regulamentos Internos de maneira serem contempladas situações de *Bullying*<sup>14</sup> e definidas acções concretas para actos padronizadas. Considero as manifestações de *Bullying* de fácil identificação num espaço fechado, como no caso de uma sala de aula, sendo porém mais complicadas de serem observadas no espaço exterior à mesma. Aconselho assim, que as escolas disponibilizem espaços onde os jovens possam encontrar alguém que esteja livre para recebê-los: um Director de Turma, um técnico do Serviço de Psicologia e Orientação, um professor Tutor, um docente de um

12 Lista de jogos banidos por alguns dos Estados mundiais: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_de\\_jogos\\_eletrônicos\\_banidos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_jogos_eletrônicos_banidos)

13 Carta Educativa: <http://www.min-edu.pt/np3/546.html>

14 *Bullying*: é o termo utilizado para descrever actos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos com o objectivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz (es) de se defenderem.

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

7

espaço de Dinâmicas de Acção/ Prevenção, etc. Uma nota a salientar na dinâmica destes espaços é que após a vítima ser identificada é essencial que tanto a vítima como o agressor recebam a devida atenção e ajuda, acima de tudo orientação para que novos episódios não se repitam. É essencial que a Escola invista em acções de sensibilização contra manifestações de *Bullying*, porque se a vítima raramente tem coragem de se mostrar, temos de ter a esperança que alguém neutro e mais atento consiga ver o que outros não conseguem ou não querem ver.

Ao nível do espaço escolar, os agentes educativos devem continuar a estar atentos a actos de carácter violento, e intervir de imediato, coerentemente, fazendo jus às normas trabalhadas e aprovados em Regulamento Interno da instituição que representam. Mais do que conhecer o que é correcto ou o inaceitável, o importante é agir. E é essa acção, esta atitude, isolada ou apoiada, que por vezes faz toda uma diferença no desenvolvimento cívico e educacional de um jovem. Assim, Docentes e Assistentes Operacionais têm de actuar unificados em objectivos comuns à Instituição.

Estas acções são expectáveis de instituições ligadas directa ou indirectamente à educação dos nossos filhos. Mas falta a mais importante - a acção dos pais e ou a ajuda da família. Sem a nossa presença na vida dos nossos filhos, sem as nossas referências orientadoras de valores, todo o «castelo» ruirá, levando à desmotivação dessa equipa unida em torno de uma causa justa e necessária, como seja a prevenção da violência escolar.

Mesmo a este nível tudo se alterou. Actualmente, os nossos filhos chegam a casa à noite, e mediante o tipo e local de emprego dos pais, encontram-se aí muitas vezes sozinhos ou na companhia dos avós. São estas as novas famílias a que eu tenho a ousadia de chamar de «quase famílias»<sup>15</sup>. Com o ritmo infernal de vida que levamos, para muitas destas famílias acabaram-se as conversas à mesa, as histórias ao serão, os «Serões da Província».

No «meu tempo», o meu pai chegava tarde a casa, já de noite, cabisbaixo, cansado de um longo dia de trabalho. E, quando nos olhava, algo de mágico acontecia: uma luz brilhava-lhe nos olhos; erguia de novo os largos e pesados ombros e, orgulhoso, voltava a sorrir como se, com apenas o olhar, tivesse bebido um néctar revigorante. Bastavam cinco minutos na nossa presença para que estivesse pronto para enfrentar um novo dia - éramos uma família.

15 Ferreira, José Carlos - «Hoje tive muitas saudades vossas... Adoro-vos!»: <http://www.eb23-viso-prt.rcts.pt/jvmovimento/opinioes08.html>

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

8

Actualmente, ambos os pais têm de trabalhar e não podem abdicar dos seus deveres. Naturalmente que chegam a casa exaustos, mas não devem nem podem simplesmente refastelar-se num sofá «atirando» aos filhos um telemóvel ou um computador de última geração ou um novíssimo e aguardado jogo de *Playstation*<sup>16</sup>. Não se pode ignorar a existência da família, da «nossa família». Exaustos ou não, não podemos evitar os nossos filhos. Temos obrigação de lhes fazer sentir que o Lar é ainda um «porto seguro». Para isso não bastam uns misérrimos «cinco» minutos diários para lhes perguntar como estão e como lhes correu o dia.

Num estudo recente<sup>17</sup>, que incluiu 12 mil adolescentes e respectivos pais, investigadores concluíram que o indicador único mais importante para o bem-estar dos adolescentes é a sua relação com os pais, independentemente do tipo de família em que se inserem. O estudo incluiu adolescentes com dois pais do mesmo sexo e de sexo diferente e adolescentes em lares monoparentais.

Outra sugestão que deixo é que não caiamos na asneira de nos tornarmos psicólogos dos nossos próprios filhos. Eles apenas querem o nosso afecto, a nossa atenção, o nosso carinho, querem sentir que alguém os aceita, mesmo que por vezes não os compreenda – que sejamos os seus melhores amigos. Sempre que eles o permitam – aconselho-los. Estejamos, pois, atentos a todos os seus sinais. Às vezes uma pequena perda de apetite pode ser uma manifestação de que necessitam da nossa atenção. Devemos saber quais os jogos que eles preferem, com quem se comunicam nos distintos *chats*, que *nicknames* usam, qual a sua conta de e-mail. Devemos conhecer os nossos filhos, ir ao encontro deles. Seguramente que eles estão à nossa espera. E não tenhamos receios de agir: há muitas maneiras de lhes dar atenção, sem passar pela tradicional sessão de terapia psicológica. Façamos um almoço ou um jantar juntos dividindo tarefas, e deixemos que sejam eles a aproximarem-se de nós. Respeitemos sempre o seu espaço! Podemos, por exemplo, ir juntos ao cinema, participar numa marcha de solidariedade, defrontá-los num jogo de *Xbox*<sup>18</sup>, planear um fim-de-semana apenas para umas fotografias. Devemos criar, inventar, dedicarmo-nos a eles!

16 Uma das muitas, mas das mais conhecidas e utilizadas consolas de jogos existentes a nível mundial: <http://pt.playstation.com>

17 Cooper, Lynn Huggins. (2006) «Educar adolescentes». Porto Editora.

18 Um outro tipo de consola de jogos muito comum e utilizada a nível mundial: <http://www.xbox.com/pt-PT/>

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

9

E se Lynn Huggins Cooper nos diz que «mais do que nunca o seu filho precisa de si!», eu vou um pouco mais longe, e no âmbito do que já foi dito até agora, digo que só com a cooperação de todos, poderemos prevenir e tentar parar este surto de violência gratuita que paira sobre a grande instituição que é a Escola. Sem esta ajuda mútua, sem um empenho total, um «tudo» que pretendemos pode tornar-se num «nada». E ninguém deseja um «nada». Nenhuma Escola é uma Ilha!

(\*) *Professor na Escola EB - 2,3 Passos José*